

SIMONE ANDRÉ

CAVALO

POESIAS

SOUL DE PALAVRA

Cavalo é o nome da primeira poesia que dá título ao livro, pois foi nesse fluxo que as palavras surgiram pedindo voz. Cada poema uma história, poemas narrativos em respostas do que não fora dito, imagens em movimento de pensamentos que pretendem ser ação. Certa vez li que escrever era como pensar em voz alta e essas poesias traduzem esse som. São pensamentos que vêm, às vezes ritmados, às vezes rimado, escritos como que ventados no ouvido entre 2024 e 2025. Como cavalos selvagens não aceitaram mudanças, ajuste de palavras, rimas e métricas. E segurando nessa crina percorri com as palavras, desenhando trajetos para que, no movimento dos olhos que lê, despertem sentidos, memórias e novas escritas.

Sou a Simone, adoro ler e comecei a compartilhar o que escrevo. Tenho compartilhado conhecimento, editando as falas, vestindo personas, e repassando o que acho ser conhecimento, agora na escrita. Sou professora de português e literatura de escola básica do Estado do Rio de Janeiro, há 20 anos. Outras formas de atuar no mundo são como yogue, me editando a cada meditação; como atriz e iluminadora, aprendendo a ver as nuances nas paisagens e como contadora de histórias, criando narrativas formas de contar: em vídeos, imagens, e escritas com poesia.

SIMONE ANDRÉ

CAVALO



POESIAS

SOUL DE PALAVRA

S. A.

CAVALO

COPYRIGHT Written by Simone R. B.
André

Copyright © 2025 Simone R. B.
André. Todos os direitos reservados. A propriedade intelectual desta obra literária de ficção está assegurada ao autor pela Lei Federal nº 9.610/1998. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada, comercializada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma e meio, seja eletrônico, fotocópia, gravação etc., sem a expressa autorização do autor, titular dos respectivos direitos autorais. Simone R. B. André – Paraty – RJ
– simoneandre.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

André, Simone
Cavalo / Simone André. -- Paraty, RJ :
Ed. da Autora, 2025.

ISBN 978-65-01-54583-7

1. Poesia brasileira I. Título.

25-28118

CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileiraB869.1

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/84

Sumário

Cavalo	2
Entristece .	Erro! Indicador não definido.
Macela.....	Erro! Indicador não definido.
Outros	Erro! Indicador não definido.
Ensina ela – Batalha	9
Etiquetada.....	26
Esperança no momento	Erro! Indicador não definido.
Andando ..	Erro! Indicador não definido.

Again Erro! Indicador não definido.

Mano..... Erro! Indicador não definido.

Meio a meio..... Erro! Indicador não definido.

Em reta-lhos . Erro! Indicador não definido.

Para que você Erro! Indicador não definido.

E se parte II Erro! Indicador não definido.

Lei que lei? ... Erro! Indicador não definido.

Cavalo

Às vezes eu solo os cavalos do
pensamento e deixo eles
correrem soltos por essa
imensa floresta
das histórias vividas

Seguro no pelo e é no cavalgar
que tento despistar nas trilhas
feitas

Para seguir caminhos novos

Traçar rumos que hão de
chegar a clareiras
há muito conhecidas

Vejo quais são dessas matas as
nativas plantas
que misturam cores cheiros
E texturas das memórias que
embaraçam a mente em
histórias que tentam colonizar
antigos trajetos
e trejeitos

Chego em um clarão feito de
terra batida, mas não
reconheço aquele espaço
aberto da mata

Relincha o cavalo, salto antes
de cair, e solto ele aponta
outro caminho

Sem trilha percorrida
monto nele na corrida
pronta para embrenhar-me no
breu sem estrada, entre raízes
estala ele o casco, tropeça

enquanto eu corto alguns
galhos, folhas me caem a testa

Aberto um caminho
Testemunho da mata que
cobre de sentidos
Toda a palavra acesa
Vamos seguindo
e encontro clareira
conhecida terra batida
Árvore primeira de fundas
raízes

Reconheço o cheiro da
memória desencontrada, tato
uma planta, mastigo um fruto
que pego no pé, volteio no
cavalo seguro na crina e parto
para outras memórias,
trajetória que destina ao
percurso
Sentido que busco
recuperando o fôlego do
entorno, do que fizeram e
minha memória não sabe

Busco conexões e traço
ângulos em latitudes tendo o
céu em movimento

Dia e noite se apagam
Escuro se faz o pensamento
E quando inicia o clarear do
dia, recomeço
a tracejar em finas trilhas
abertas, pequenas veias que
separam a densa mata em
corredeiras de pensamentos.

Recupero o folego e mais
longe avisto, não o infinito,
mas outra clareira, novos
sentidos genuínos se voltam
em flores e cheiros memórias
de plantios e repouso,
encontros.

Ensina ela – Batalha

Essa escola mais parece uma
prisão

Mas as ideias estão na mão,

Ao toque de um botão

Posso acertar aquela questão

Assim muitos não saberão

O que tantos outros já

souberam

Que a rima não se faz assim

vai fazer diferença entre o que

penso

pensa você
Entre o que faço
o que me deixa fazer

Poderíamos estar falando de
trabalho
De concreto
De como se faz uma casa
Dos conceitos descobertos
dos feitos e dos afetos que nos
atravessam

Será pelo tempo através do
espaço,

como nos chega todo o
conhecimento?

em células que armazenam
memórias?

Em narrativas que fizeram
história?

Mas estamos apenas julgando
como máquinas

O que é correto de se pensar

O acerto é o que me fará

Ter o emprego de direito

mesmo que não tenha direito
de morar

A repetição é que me faz
acerto

No jeito da automatização
Máquinas de imitação com
discursos que não são nossos
Confundem, o que seria a
verdade

E diz que está aí no meio da
nossa realidade

Invenções de personas ou
personagens
criados a imagem e semelhança
do nosso desejo
criando pretensões
Modificando o corpo, a face e
principalmente o estado
E por falar em Estado
No estado das coisas
Converte-se o real em
conhecimento de dólar
cimento dos muitos eus que
cabem em uma cidade

e vertem de horror fixados
apenas na vaidade
Não só de corpo vive o
homem ou a mulher
Vaidade de poder
É também a verdade
Que conduz entre trilhas
Apenas caminhos que levam ao
estéril campo
da re-pe-ti-ção
De falas e mandos
Mas não amando

Julgando que quem está em

cima certamente

detém

o saber

e o conhecimento necessário

para a tomada de

Decisões

do que será que prontamente

defendido

por repetidas vozes

sem que seja articulado um

pensamento

sequer reestabelecer o
momento
que alimentara e gera outros
frutos e ramos e um saber

Defesa do que é patrimônio
das língua e linguagem
frente a inverdade que as
infinitas análises combinatórias
que os dados podem nos dar.

Enquanto isso

Você defende o imóvel, a
imobilidade de tudo que é
móvel,
enquanto liquidas mentes
sobrepõem verdades,
você faz o papel de fazer do
corpo presente a
impossibilidade
de acessar saberes às mentes
inconscientes
governadas por pequenos
espelhos de vaidade

Você que desarticula o
presente e a presença
para dar visibilidade ao
ausente,
enviando os dados que serão
lidos por outras línguas.

Nós continuamos em modo
tradução
relembrando significados de
cada um dos gestos
Tanto os que me trouxeram
até aqui

Quanto os que me colonizam
Fazer das falas sem sentido o
sentido necessário para o que
se sente

Apesar dessa não ser o radical
da palavra,
desfaço a linguagem como
quem desmonta o relógio
este mesmo que você usa para
medir
os dias e horas de trabalho
Diferente da tradição

eu articulo o pensamento
e atualizo os sentimentos sobre
o que é e foi
escolho e seleciono, assim
como fazem os computadores

Mas com a diferença é que
junto humores
a fim de garantir não a
instituição,
mas os valores que não estarão
nas moedas.

Nessa sociedade do
conhecimento deixar o
acontecimento de fora
e passar batido pela hora
urgente de agir,
é parte da catástrofe natural
que a emergência global grita
com o aquecimento
E o esquecimento acaba sendo
arma contra a história do povo
E resulta em ações de poder
em que moram no ovo da
serpente

Já viu esse filme?

Vale, vê!

Enquanto você enxota as
possibilidades de contato
dizendo que algo de fato é
sigilo
absoluto,
resoluto enfeite para a
formação de alunos,
Tanto sigilo passado a cada
toque de tela

que diminuem cada vez mais o
valor

de uma pessoa,

de um professor.

Em troca de máquinas você

será a primeira a ver

desaparecer

a possibilidade de saber

Em troca de algo

defende o impalpável

desconsiderando os seus

de terra e território

Enquanto outro futuro
ilusório
está sendo tracejado em
atitudes de um improvável
vindouro
e este espaço seja ministrado
apenas por algum maquinário
que você ajudou a permanecer.

Um futuro onde brigam
muitos pela fome
e por alguma condição de vida

você será a porteira dessa
espécie de purgatório
articulada, sendo vigiada pelo
desfazer
vigiando o fazer maquinal do
pensamento
será bem menos do que uma
professora
“Ensina ela ... ensina ela”
A outra responde
.....
Silencio, estão ouvindo.

Etiquetada

Há um tempo atrás
Drummond já me dizia
Tínhamos virado etiqueta que
tudo que consumia
Agora nos idos dias
Somos propaganda dos outros
Em cada lugar que vamos
Ou coisa que compramos
Tem sempre alguém correndo
para que compremos o
próximo plano

Sou o produto
E também sou a propaganda
compartilho em um minuto
já está a sua banda
bebendo água do meu açude
sou o produto
e também sou a propaganda
se eu consumo o que me nutre
o meu corpo estampa
se antes o que vestia
era dado pra reclame
agora é na voz no corpo
onde ilustro consumos